

SUBJETIVIDADE ÉTICA COMO CONTATO E PROXIMIDADE

ANA CAROLINA C. RIBEIRO, GENIVALDO DE SOUZA SANTOS

¹ Estudante do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico em administração, IFSP, Câmpus Birgui, cogue92@gmail.com.

²

³

⁴

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.01.04.00-0

Apresentado no

10º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP ou no 4º Congresso de Pós-Graduação do IFSP

27 e 28 de novembro de 2019- Sorocaba-SP, Brasil

RESUMO: O tema da Alteridade tem despertado interesse nas ciências humanas especialmente a partir da denúncia realizada por E. Levinas (1980) do esquecimento do Outro desde os primórdios da filosofia. Esquecimento que tem origem na eleição da ontologia como *filosofia primeira* e não a ética, compreendida como relação de encontro com o Rosto do Outro que antecede qualquer pretensão de sentido e organização da realidade. Desse encontro é que deve, de acordo com E. Levinas, vir a constituir qualquer sentido posterior. Para ele, a hermenêutica, ou seja, as possibilidades compreensivas estariam limitadas pelo Rosto do Outro, designado metafisicamente como Infinito que escaparia as capacidades cognitivas do sujeito. Assim, a relação subjetividade-alteridade não prosperaria, para Levinas (1980) em terreno epistemológico mas frutificaria no terreno da sensibilidade, pelas vias da fruição, do contato e da proximidade (LEVINAS, 1980, 1998), em que a subjetividade coloca-se à serviço do Outro de modo desinteressado. O sentido do *contato e da proximidade* como possível relação ao Outro envolve justamente o elemento da linguagem, já inscrita no Rosto do Outro como: “Não matarás”. Partindo de uma abordagem metodológica qualitativa, visamos investigar o seguinte problema: Em que sentido, a linguagem constitui-se como relação primeira ao Outro, segundo a ótica de Levinas?

PALAVRAS-CHAVE: Proximidade; comunicação; Levinas; Outro.

ETHICAL SUBJECTIVITY AS CONTACT AND PROXIMITY

ABSTRACT: The theme of Alterity has aroused interest in the human sciences especially from E. Levinas (1980) denouncing the Other's oblivion since the dawn of philosophy. Forgetfulness that originates in the election of ontology as the first philosophy and not ethics, understood as a relationship of encounter with the Face of the Other that precedes any pretense of meaning and organization of reality. It is this meeting which, according to E. Levinas, must constitute any later meaning. For him, hermeneutics, that is, comprehensive possibilities would be limited by the Face of the Other, metaphysically designated as Infinite that would escape the cognitive capacities of the subject. Thus, the subjectivity-alterity relationship would not thrive, for Levinas (1980) on epistemological ground, but it would be fruitful in the field of sensitivity, through the path of fruition, contact and proximity (LEVINAS, 1980, 1998), in which subjectivity puts itself at the service. of the Other in a disinterested way. The sense of contact and proximity as a possible relation to the Other involves precisely the element

of language, already inscribed on the Other's Face as: "Thou shalt not kill." Starting from a qualitative methodological approach, we aim to investigate the following problem: In what sense, language is constituted as the first relation to the Other, according to Levinas?

KEYWORDS: Proximity; communication; Levinas; Other.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a constituição da subjetividade ética em Emanuel Levinas. Para tal, utilizou-se da interpretação do professor Paulo Serra em seus textos "Levinas e a sensibilidade como comunicação originária" e "Proximidade e comunicação". Em seu artigo Proximidade e comunicação, Paulo Serra (2006) busca responder alguns questionamentos acerca da relação entre proximidade e comunicação após defini-los segundo alguns autores e problematizações.

Serra (2006) define a aproximação como uma das máximas fundamentais da “sociedade da comunicação”, onde todas as distâncias tendem a ser reduzidas ou até mesmo serem anuladas, sejam elas espaciais, simbólicas, culturais e individuais. A suposta superioridade dos meios de comunicação tecnológicos faz com que alguns mais tecnófilos realmente acreditem na substituição das comunicações interpessoais por este.

A partir desta possibilidade de substituição, Serra (2006) propõe alguns questionamentos: “[...] será que a concepção da comunicação como aproximação dá conta do essencial da comunicação?”; outro questionamento, “Não levará esse excesso de proximidade ao esquecimento do mensageiro em detrimento da mensagem?”, ou seja, o mensageiro, aquela pessoa que nos fala, será menos importante que a mensagem?.

Um dos pressupostos que o autor cita sobre a concepção da comunicação como “circulação de mensagens” é o seguinte:

“A certeza de que à intenção ou vontade de transmitir de ego, origem da comunicação, corresponderá a intenção ou vontade de receber de alter – sendo precisamente no ato de decifração da mensagem de ego por alter que se efetiva a comunicação entre dois sujeitos que, sem isso e antes disso, permaneceriam incomunicáveis, ausentes da comunicação”. (SERRA, , 2006, p.3).

Tendo em vista os questionamentos expostos, busca-se apresentar uma resposta a estes, considerando a análise da constituição da subjetividade ética em Emmanuel Levinas.

MATERIAL E MÉTODOS

Do ponto de vista metodológico, por sua natureza eminentemente teórica, a investigação será pautada pela abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica. Por tratar-se de uma pesquisa com forte aspecto teórico, nossa metodologia apoia-se, sobretudo, na análise bibliográfica. O material bibliográfico de referência será buscado particularmente no campo da filosofia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Levinas (1980) responde ao questionamento acerca da comunicação como aproximação: “a comunicação como ‘circulação de mensagens’ não só não esgota a totalidade da comunicação como não diz mesmo o seu essencial”. Esta só é possível devido aquilo que Levinas (1980) chama de linguagem original, comunicação antes da comunicação, que o autor usará para representar em seu texto através da figura levinasiana do estrangeiro. Segundo Levinas (1980), o estrangeiro é aquele que não tem comigo uma pátria comum e “o livre”, sobre o qual não tenho poder.

Serra (2006) caracteriza o estrangeiro por um desenraizamento e uma mobilidade que contrastam com o “enraizamento pagão”, que para Levinas (1980) caracterizam o homem como concebe Heidegger. Para este homem heideggeriano, a posse calma e o enraizamento permite-o uma “pré-compreensão” dos membros daquela comunidade. O autor então irá questionar “[...] será que a coincidência de cada um com todos e de todos com a verdade – comum – uma comunicação? Não suporá a comunicação a ‘transcendência’ [...], a ‘experiência de alguma coisa absolutamente estrangeira’, ‘o traumatismo do espanto?’”. Levinas (1980) dirá que só é possível a comunicação com o estrangeiro.

Posteriormente, o autor apontará que só é possível esta comunicação com o estrangeiro pois, antes de ser circulação de mensagem, a comunicação é proximidade. Para definir o que seria esta proximidade, o autor aponta o que a proximidade não é: I) ‘fusão’ ou ‘comunhão’ num todo que constituiria uma mera pluralidade de eus; o Outro enquanto Outro é tudo aquilo que eu não sou; II) não é a simetria entre o eu e o tu, a reciprocidade do diálogo, Levinas (1980) irá apontar a superioridade do Outro em relação ao eu, e negar a necessidade e espera da reciprocidade do diálogo. Outro ponto é a assimetria entre o eu e o Outro, sendo o Outro superior, o Mestre, ele estará sempre acima do eu.

Em seguida, Serra (2006) propõe o seguinte questionamento: "E o que é que garante que o eu respeitará uma tal assimetria - a "estrangeiridade" do estrangeiro -, em vez de a procurar anular, reconduzindo-a seja à simetria (a assimilação), seja, mesmo, ao domínio (a segregação)?"

A resposta para essa indagação está ligada diretamente à natureza ética da proximidade: "Entendida eticamente, a "proximidade" é "responsabilidade" pelo Outro, "mandamento" que apela a uma responsabilidade que tem como ponto de partida a "fraqueza" do Outro".

Em sua conclusão o autor aponta consequências das quais se pode explicar como se efetua a comunicação hoje. Retomando a relação entre o mensageiro e a mensagem, o mensageiro sempre será mais importante que a mensagem, no entanto, com a proliferação de dispositivos midiáticos e de comunicação, os meios (tecnológicos), acabam se confundindo com os fins (humanos). A comunicação é um ato gratuito, no sentido de que nada tem a ver com imposição de ideias e na comunicação, a receptividade ou passividade tem a primazia sobre a atividade. A comunicação, antes de tudo, é a espera pela resposta do Outro ou vontade de comunicar ao Outro, surge justamente para o Outro.

Conclui Serra (2006 a) que a comunicação concebida por Levinas (1998) como proximidade ética não passa de um ideal mais ou menos utópico. A “comunicação de antes da comunicação” pode ser descrito por pequenos gestos, como a mão que se estende para cumprimentar o Outro, que o autor irá questionar: “Mas não basta, por vezes um desses ‘pequenos gestos’ para dar sentido a uma existência e iluminar os ‘tempos sombrios’, que, segundo Hannah Arendt, são na história do gênero humano mais a regra que a exceção?”

CONCLUSÕES

A partir dos pontos discutidos, é possível apontar algumas consequências fundamentais para pensar-se, nos dias atuais, a forma como se efetua a comunicação: I) “mais importante do que os dispositivos comunicacionais ou as mensagens que eles veiculam, é o mensageiro”; aquele que antes de comunicar o Outro comunica a si próprio e a sua vontade de comunicar. II) “a comunicação é, na sua essência, um ato gratuito”, sem pretensões, e não relaciona-se com critérios como o da “servidão”. III) “na comunicação, a receptividade ou passividade tem a primazia sobre a atividade”; a emissão de uma mensagem busca, antes da própria emissão, a resposta do Outro.

Sendo a proximidade, em sua natureza ética, a responsabilidade pelo Outro, que tem como ponto de partida sua fraqueza, entende-se o motivo pelo qual existiria o respeito à assimetria do eu em relação ao outro, da sua “estrangeiridade”, de quem escapa ao domínio e compreensão do eu.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Genivaldo pela oportunidade, orientação, paciência e disposição; por me proporcionar um conhecimento do qual eu nunca teria acesso; e ao Instituto Federal de Birigui pelo apoio e disponibilidade.

REFERÊNCIAS

CHAUI, M. Introdução à Filosofia. 4 ed. São paulo: Saraiva, 2002.

CONILL, J. Experiência hermenêutica de la alteridad. En-claves del pensamiento, Valência, ano II, n. 4, p. 47-66, dez. 2008.

GADAMER, H.-G..O problema da consciência histórica. Trad.: Paulo Cesar Duque Estrada. Fundação Getúlio Vargas Ed.: Rio de Janeiro, 1996.

_____. Verdade e Método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. Flávio Paulo Meurer e Rev. Ênio Paulo Giachini. 3 ed. Petrópolis:Ed. Vozes, 1999.

LEVINAS, Emmanuel. Totalidade e Infinito. Lisboa: Edições 70, 1980.

_____. Linguagem e Proximidade. In: Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger. Lisboa: Inst. Piaget, 1998.

PELIZZOLI, Marcelo Luiz. Levinas: a reconstrução da subjetividade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

REALE, M. Introdução à Filosofia. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

SOUZA, Ricardo Timm. Razões plurais: itinerários da racionalidade ética no século XX. Adorno, Bérqson, Derrida, Levinas, Rosenzweig. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SUSIN, Luiz Carlos. Levinas e a reconstrução da subjetividade. Veritas, Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n. 147, p. 365-378, set. 1992.